

- 1) Na valiosa lenda dos Evangelhos, Jesus, evidentemente, não merecia ser morto.
- 2) Nos últimos dois mil anos, a perseguição dos judeus não foi merecida, e nada justifica o massacre promovido no século 20 pelo nazi-fascismo.
- 3) O genocídio dos indígenas das três Américas nos últimos 500 anos – embora abençoado pelo clero cristão – foi um crime bárbaro e imerecido.
- 4) As crianças que morrem atualmente por falta de recursos e de médicos nos hospitais públicos brasileiros não merecem a morte.
- 5) As vítimas inocentes das guerras e do terrorismo nos últimos anos nada fizeram que justifique a violência contra elas.

A responsabilidade cármica por atos de injustiça não é das vítimas, mas de quem comete as injustiças. A valente defesa dos que são injustamente atacados constitui um preceito central em filosofia e em teosofia. Por algum motivo, a pseudo-teosofia e um certo semi-esoterismo frequentemente esquecem deste fato. Esta grave distorção da lei do carma deve ser apontada e esclarecida.

Estudante A:

Você está dizendo que os acontecimentos lamentáveis do tempo presente não são uma consequência mecânica do passado. Eles têm uma componente de carma novo, e a repetição cega do passado pode, e deve, ser interrompida. Nada nos impede de criar a cada instante um presente e um futuro melhores.

Estudante B:

Exatamente: existe uma coisa chamada carma novo.

Todo novo carma depende de quem age e não de quem sofre a ação. Mas quem recebe a ação também age, ao decidir como receberá a ação do outro. Para nós, é mais importante ver o presente como sementes de futuro do que frutos do passado. Interessa saber que decisões tomamos a cada momento.

Os Aforismos de Ioga de Patañjali ensinam que o mal que ainda não ocorreu pode ser evitado. A legislação brasileira estabelece que todo cidadão tem o dever e o direito de interromper e impedir qualquer crime que esteja ocorrendo perto de si. A legislação brasileira não diz em momento algum que a responsabilidade cármica pelos atos de violência é das vítimas. Crimes não devem ser fantasiosamente imaginados como “atos de justiça cármica”.

As “Cartas dos Mahatmas” mostram que tanto a natureza como as pessoas cometem erros e injustiças, inclusive erros graves, que serão dinamicamente corrigidos pela lei do carma.

É verdade que, nos níveis inferiores de consciência, o carma é pesado e funciona de um lado como uma colheita mecânica do que se plantou, e de outro lado como um plantio cego que causará ainda mais sofrimento no futuro. Mas nos níveis superiores, os erros são corrigidos, ao invés de “castigados”; e o carma novo é criado conscientemente na direção correta. É para isso que aponta a teosofia.

O objetivo da lei do carma não é de modo algum punir, mas ensinar a lei da harmonia. Não há ética alguma que justifique cruzar os braços e lavar as mãos diante das injustiças cometidas.

Estudante A:

O Carma é mais um professor do que um juiz.

Estudante B:

Claro. E a lição que ele ensina é a do auto-respeito e da solidariedade.

Estudante A:

Prossiga.

Estudante B:

A fraternidade universal é dinâmica. O carma é a lei que preside a interação entre todos os seres. Ele regula os mais diferentes níveis de realidade do universo e do planeta. Os mestres de sabedoria não estão acima da lei do carma. Eles são mestres precisamente porque se identificaram com a lei do carma no que ela tem de mais elevado. Exatamente por esse motivo, eles não fazem favores pessoais a ninguém. Este é outro fato que a pseudo-teosofia esquece.

O carma é a lei da ética e da harmonização constante. E podemos deduzir que, se existe necessidade de uma constante harmonização, é porque, em Kali Yuga – a era de longo prazo em que estamos – nem todas as ações ou situações são justas, corretas e harmoniosas. Quem pensa que “o sofrimento é sempre merecido” talvez possa dizer a alguém que tenha perdido uma pessoa amada:

“Parabéns, amigo. Seu filho de cinco anos de idade morreu ontem, por falta de socorro em um hospital público. Isso é muito merecido. O carma não falha nunca. Parabéns por corrigir desta forma seus graves erros do passado. Sorria. Fique feliz.”

Quem pensa isso não conhece o funcionamento da lei do carma. Existem milhares de maneiras possíveis de compensar os erros do passado. Algumas são construtivas e curam as feridas. Outras são tão brutais que compensam mas não corrigem, e apenas afundam as almas ainda mais na ignorância, o que levará a mais compensações, que, por sua vez, corrigirão ou não a situação.

Estudante A:

Qual é, então, a alternativa?

Estudante B:

O axioma budista esclarece: “O ódio não se extingue pelo ódio, o ódio só se extingue pelo amor.” Assim, também, o sofrimento não se extingue pelo sofrimento, mas pela compreensão e pela ação correta. A função do movimento teosófico é elevar o nível do funcionamento da lei do carma, para que ela saia do círculo vicioso do ódio e da frustração que se realimentam.

A lei do carma precisa ser compreendida do ponto de vista da compaixão e da alma espiritual, ou não será compreendida. Não há lei do carma que justifique a injustiça praticada no instante presente. Não há carma que legitime a violência e o roubo praticados hoje. Não há carma que justifique a falta de piedade ou solidariedade. Centenas de milhares de pessoas estão morrendo de fome e por violência neste momento em Darfur, na África; e não há carma que justifique esta situação. Há explicações, seguramente; mas nenhuma delas nos exime de agir solidariamente em relação à humanidade. O fato de que somos imperfeitos e de que nossa ação solidária será necessariamente falha tampouco justifica a indiferença ou a inação.

Estudante A:

Observo que os erros obedecem a um movimento pendular, compensando carmicamente uns aos outros. Mas você menciona que nem toda compensação serve para libertar a alma do erro.

Estudante B:

Erros diferentes compensam uns aos outros. Mas este “pêndulo de compensações” não é suficiente para corrigi-los. Na realidade, um erro não pode corrigir outro erro. Um erro só se corrige pela ação correta. Por isso devemos combater a fonte comum de todos os equívocos, e não apenas esta ou aquela ação errada isoladamente. E sem uma solidariedade profunda com quem sofre, não há nem pode haver uma compreensão autêntica da lei do carma. Quando observamos o processo vivo da interação entre Ignorância, Ilusão e Sofrimento, percebemos que é mais eficaz atuar a longo prazo, combatendo as CAUSAS do sofrimento coletivo, e plantando um Bom Carma de Sabedoria para Todos.

Estudante A:

Normalmente se pensa que o carma é uma relação com o passado. Nos diálogos do e-grupo **SerAtento**, porém, o carma é visto sobretudo como uma relação com o futuro.

Estudante B:

O aspecto mais importante do carma é o carma que está sendo plantado a cada momento. Este é o leme que dá direção à vida. Mas uma parte fundamental do carma do presente consiste em saber como colhemos o carma maduro do passado. A luz astral é sutil e não funciona mecanicamente. O modo como o carma maduro “aterrissará” na terceira dimensão do espaço-tempo convencional está em ABERTO até o momento em que ele toca o chão do plano concreto. Se houver frustração e ódio ao colhê-lo, ele tomará forma de um modo. Se houver humildade, sabedoria e flexibilidade, será um processo diferente. A solidariedade no sofrimento faz uma diferença cármica enorme para quem sofre, e também para quem é solidário. Solidariedade é uma energia búdica. Pertence ao eu superior. E, onde entra a inteligência da alma imortal, tudo se cura e todos se libertam interiormente, mesmo em meio a grandes dificuldades.

Estudante A:

Os omissos erram gravemente ao adotar a pose de sábios, como se fossem “demasiados santos para sujar as suas mãos com a defesa da ética”?

Estudante B:

Sim. Ao lavar as mãos com o ambíguo sabonete da omissão, eles sujam suas almas. É frio, e falso, o raciocínio segundo o qual “o carma dos outros não é meu carma”. É verdade que o carma tem uma forte dimensão individual, mas todos os carmas individuais interagem entre si o tempo todo. Acreditar na separação, pensando que não é preciso ser solidário, impede a ação da alma imortal, cuja inteligência é destituída da ideia ilusória de separação entre “meus interesses” e “interesses dos outros”.

“Tudo que é humano me diz respeito”, escreveu o pensador clássico Terêncio. Os numerosos exemplos de auto-sacrifício individual por uma causa nobre, presentes em toda a história da humanidade, não surgem por acaso. Eles ocorrem porque o foco de consciência do indivíduo sábio está em sua alma espiritual e, portanto, o indivíduo já não vê distinção entre o que é bom para si mesmo e o que é bom para os outros.

Assim, quando a teosofia afirma que o passo inicial na caminhada é querer o bem da humanidade, ela está dizendo que a meta primeira é erguer o foco da sua própria consciência até a alma espiritual. A alma superior busca a felicidade de todos os seres porque obedece, como por instinto, à Lei (cármica) da fraternidade universal.

Estudante A:

Esta visão parece exigir uma certa dose de ética e de coragem.

Estudante B:

Talvez. A atitude com que vivenciamos o sofrimento e a alegria é uma das coisas mais importantes que devemos decidir. Vale a pena ter coragem diante do sofrimento próprio, solidariedade diante do sofrimento alheio, e humildade e moderação diante das nossas vitórias.

Estudante A:

Deste ponto de vista, a lei do carma é uma lei da ética e da solidariedade.

Estudante B:

Sem dúvida. Os aspectos individuais do carma perdem importância, à medida que a compaixão é reconhecida como a Grande Lição a ser aprendida com ajuda da Lei do Carma. Ao agir movido pela boa vontade, o indivíduo ainda errará, sem dúvida. Mas, errando, ele aprenderá; enquanto que aquele que se omite comete um erro do qual não se tira facilmente lição alguma.

O cidadão planetário sabe, por exemplo, que a devastação das florestas não é “um problema cármico das árvores, que devem ter cometido algum erro no passado”. Estudando filosofia esotérica, o cidadão percebe que a teosofia original faz despertar nele um sentimento de co-responsabilidade universal. E ele compreende que este sentimento deverá estar na base e na estrutura das próximas civilizações.

Estudante A:

Sabemos que além de boa vontade é preciso discernimento. Em que condições a ação solidária é eficaz?

Estudante B:

Em sua obra “Sobre o Dever” (Livro I, item XIV), o pensador clássico romano Marco Túlio Cícero estabelece três condições para uma ação generosa.

Em primeiro lugar, diz ele, a ação deve ser justa e não deve prejudicar ninguém. Em segundo lugar, ela deve ser proporcional aos meios e à possibilidade da pessoa que fará o bem. Finalmente, aquele que é objeto da generosidade deve merecer a ajuda. E é fácil ver que, do ponto de vista teosófico, ninguém merece mais ajuda do que o eu superior ou a alma imortal dos nossos semelhantes. O despertar da inteligência espiritual é a grande meta e também a necessidade histórica da evolução humana no século 21.

O Que é Teurgia Hoje: A Prática da Presença Divina

A invocação dos deuses produz uma iluminação, segundo escreveu o filósofo neoplatônico Jâmblico, que viveu nos séculos três e quatro da era atual. [1]

A prática da presença divina é teurgia, mas não deve ser confundida com pedidos de favores. Pedir favores pessoais a deuses é uma atividade inferior, produzida desde um ponto de vista egoísta, e portanto cego. O chamado à presença divina é, na prática, a formulação da vontade ativa de que o nosso próprio eu superior – que é impessoal e universal – seja ouvido por nós. Este chamado nos aproxima da iluminação e amplia o contato com as inteligências planetárias superiores. A verdadeira teurgia tampouco tem qualquer coisa a ver com “chamar os deuses até nós”. Jâmblico esclarece que os deuses ou inteligências divinas não “descem”. É o buscador da verdade que é ajudado a elevar-se até eles. Não por coincidência, a mesma doutrina é ensinada nas “Cartas dos Mahatmas”.

A verdade é uma coisa, a linguagem é outra: as consciências divinas podem ser percebidas ou “escutadas” nas mais diversas linguagens e áreas de conhecimento. Poetas e astrônomos conversam com o céu em diferentes idiomas. A astrologia mostra que o eu inferior é influenciado o tempo todo pelas inteligências e pelas energias vitais que emanam dos principais planetas do

sistema solar e das constelações que o rodeiam. Estamos física e espiritualmente imersos nas vibrações do sistema solar, e nos seus sete níveis de sutileza e densidade. A própria Física atual mostra esta imersão perpétua na aura do Sol.

O eu superior de um indivíduo não está de modo algum separado das inteligências planetárias e solares. Ele tem um contato contínuo e ininterrupto com a Lei viva que rege a galáxia e a comunidade solar. O ato de erguer nosso olhar em direção ao nosso eu superior é inseparável da ação de erguer o olhar para as inteligências desta parte do cosmo. E vice-versa: o estudo atento do universo facilita o auto-conhecimento. Todos os seres estão na presença divina, o tempo todo; mas nem todos sabem disso.

O modo concreto de acesso à inspiração consciente é um processo hoje interdisciplinar e multicultural. Vejamos mais um par de exemplos. Se o temperamento de um indivíduo o faz voltar-se para a Raja Ioga – a ioga do autoconhecimento e autocontrole – ele evocará mais fortemente a consciência suprema da sua própria individualidade, que está unida ao Todo. Se o seu temperamento o faz buscar prioritariamente a linha Bhakti ou devocional, ele invocará com mais força as inteligências superiores “externas” a si mesmo, mas que não estão separadas em nada da sua alma imortal, sua mônada.

Para o despertar, vale sempre o princípio da autodeterminação individual. Como diz “A Voz do Silêncio”, de H. P. Blavatsky, o Caminho é um só, mas cada um deve formular sua própria maneira de percorrê-lo. A característica central da teurgia eficaz passa pela ausência de motivação personalista, e pela presença de uma sólida motivação altruísta, polarizada em torno de uma meta maior que quaisquer interesses pessoais. O único templo legítimo da teurgia é o templo da consciência individual do estudante.

NOTAS:

[1] “On The Mysteries”, Iamblichus, Section I, Chapter 12, Wizards Bookshelf, California, 1997, pp. 55-57, translated from the Greek by Thomas Taylor.

Não é Sempre Fácil Buscar a Verdade Um Fósforo Aceso Antecipa o Novo Dia

A verdade começa como um fósforo aceso em uma noite de vento.

O aprendiz o acende, decidido, mas o fósforo apaga. O aprendiz acende outro fósforo, e o vento o apaga. O estudante prossegue até terminar a caixa de fósforos. A esta altura, por uma aparente coincidência, surge do nada um pequeno lampião, uma lamparina, ao alcance do aprendiz.

A luz então ilumina coisas desagradáveis. “Devo apagar a luz?” se pergunta o estudante. Mas ele persevera. A luz se fortalece mais, e ilumina mais coisas belas, superiores, e mais coisas feias, inferiores.

O aprendiz suspeita que está rodeado de cegos. Ele é tentado a fingir que é cego, para permanecer ligado às ilusões consensuais. Ele tem medo da solidão se seguir a verdade. Mas a sua capacidade de aderir sinceramente à ilusão consensual vai ficando cada vez menor. Então ele encontra outras pessoas que estão na mesma situação, e surge o processo da ajuda mútua. A luz de um soma com a luz de outro.

O despertar se aprofunda, não sem desafios. O aprendiz percebe que a chave está em manter o foco central da consciência no que é correto, enxergando secundariamente – mas com rigor – o que não é correto.

Em determinado momento, ele percebe que a lamparina está ficando sem combustível. Então ele olha para o Leste, e, pouco abaixo do brilho de Vênus, vê chegar a luz ilimitada de um novo dia.

000

22 de Junho de 1633: Galileu Galilei Afirma Que O Sol Gira em Torno da Terra

Vencido pelo medo, o cientista Galileu Galilei afirmou dia 22 de junho de 1633 que estava errado e alterou radicalmente a sua posição. Ele fez o que os seus perseguidores queriam, afirmando solenemente que, na verdade, a Terra estava fixa, imóvel, no meio do Universo em movimento. O sol e os demais planetas e estrelas é que giravam em torno da Terra. Assim havia sido decidido e estabelecido, em nome de Deus e das Sagradas Escrituras, pelos teólogos da Igreja e do Vaticano. E eles o torturariam interminavelmente por todos os meios possíveis, antes de assassiná-lo, a menos que ele dissesse de público tais mentiras.

Durante anos, Galileu e os copernicanos haviam defendido a tese científica segundo a qual a Terra girava em torno do Sol. Foram acusados de heresia no ano de 1612. Em 1615, Galilei Galileu foi denunciado ao Santo Ofício.

Depois de longos anos de processo, neste dia de 22 de junho de 1633, os representantes de Deus na Terra finalmente condenaram Galileu. E eles anunciaram:

“Dizemos, pronunciamos, sentenciamos e declaramos que tu, o referido Galileu, pelas coisas aduzidas em processo e por ti confessadas como referidas acima, te tornaste para este Santo Ofício veementemente suspeito de heresia, isto é, de haver mantido e crido em doutrina falsa e contrária às sagradas e divinas escrituras, que o Sol seja o centro da Terra e que não se mova do Oriente para o Ocidente, ao passo que a Terra se mova e não esteja no centro do universo (...). E, conseqüentemente, estás incurso em todas as censuras e penas dos cânones sagrados e outras constituições gerais e particulares impostas e promulgadas contra semelhantes delinquentes. E

pelas quais nos contentaremos se, em termos absolutos, mais que antes, com coração sincero e fé não fingida, diante de nós, abjures, maldigas, detestes os referidos erros e heresias, bem como qualquer outro erro e heresia contrários à Igreja católica e apostólica, do modo e na forma que por nós te serão dados (.....).”

Ao contrário de Giordano Bruno, Galileu não tinha vontade de resistir heroicamente diante da arrogância dos cardeais. Sobretudo, ele não gostaria de enfrentar os sofisticados instrumentos de tortura física desenvolvidos pela tecnologia do terror que o Vaticano usava. Ele não pensou duas vezes. No mesmo dia 22, como exigia o ritual dos cardeais, Galileu pronunciou estas palavras diante das “autoridades”:

“Eu, Galileu, filho daquele Vicente Galileu de Florença, nesta minha idade de setenta anos, constituído pessoalmente em juízo e ajoelhado diante de vós, Eminentíssimos e Reverendíssimos Cardeais, Inquisidores gerais em toda a República Cristã contra a herética maldade, e tendo diante de meus olhos os sacrossantos Evangelhos, que toco com as próprias mãos, juro que sempre acreditei, acredito agora e, com a ajuda de Deus, acreditarei também no futuro em tudo aquilo que a Santa Igreja católica e apostólica mantém, prega e ensina (...). Portanto, querendo eu retirar das mentes das Eminências Reverendíssimas e de todo fiel cristão esta veemente suspeição, justamente concebida em relação a mim, com coração sincero e fé não fingida, abjuro, maldigo e detesto os referidos erros e heresias e, em geral, todo e qualquer outro erro, heresia e seita contrárias à santa Igreja. E juro que, para o futuro, nunca mais direi ou afirmarei, por voz ou por escrito, coisas tais pelas quais se possa ter de mim semelhante suspeita.”

Para completar a sua auto-humilhação, Galileu deixa de lado toda dignidade e compromete-se, verbalmente a denunciar aos assassinos do Vaticano qualquer “herético” que viesse a conhecer. Ele diz:

“E se conhecer algum herético ou suspeito de heresia, o denunciarei a este Santo Ofício, ao Inquisidor ou Ordinário do local onde me encontrar (.....).” [1]

A violência intelectual contra Galileu é um exemplo entre milhões. Foi sobre a base da coação, da tortura e do assassinato, que se ergueu o poder do cristianismo imperial.

Passados vários séculos, a ciência ainda não recuperou sua dignidade. Com razão Blaise Pascal (1623 – 1662), contemporâneo de Galileu, escreveu estas palavras:

“A verdade é tão obscura nestes tempos – e a falsidade está tão estabelecida – que, a menos que amemos a verdade, não podemos conhecê-la.” [2]

Quando os cientistas fingem que não vêem a impossibilidade de um deus monoteísta no universo; quando os historiadores calam diante da óbvia inexistência do Jesus do Novo Testamento; e quando a Psicologia (exceto na obra de Freud) faz de conta que não conhece os desastres psicológicos e psico-sociais causados pela crença fanática em deus e nas igrejas, percebemos que a verdadeira Ciência, a busca da Verdade, anda longe do atual academicismo. A Academia de hoje teme dizer a verdade – e teme ainda mais contrariar os seus financiadores.

Salvo exceções, a comunidade científica deixou que as mentiras protelatórias das multinacionais

impedissem, até a primeira década do século 21, uma ação mais forte pela preservação ambiental. Os cientistas pouco ou nada fizeram, por exemplo, para impedir a proliferação atômica. A auto-limitação já tradicional da ciência, quando se trata de questionar o poder eclesiástico ou o poder dos grandes grupos econômicos e militares, frequentemente reduz cientistas bem intencionados a uma condição mental medíocre, em que, mais que buscar a verdade, buscam financiamento.

NOTAS:

[1] “História da Filosofia”, Giovanni Reale e Dario Antiseri, Ed. Paulus, SP, 1990, edição em dois volumes, ver volume II, pp. 248-290, e mais especialmente pp. 273-274.

[2] “Pascal”, um volume da coleção “Great Books of the Western World”, Encyclopaedia Britannica, Inc., London, 1952, 487 pp., ver p. 343. O pensamento citado faz parte de “Appendix – Polemical Fragments”.

000

Um Relato em Primeira Mão: Conhecendo Helena Blavatsky

No texto a seguir, uma colaboradora direta de Helena Blavatsky conta como a conheceu pessoalmente, em Londres, em 1884. Os parágrafos fazem parte do livro em que a Condessa de Wachtmeister [1] narra como foi escrita por H.P.B. a sua obra máxima, “A Doutrina Secreta”:

00000000000000

Para mim nada é trivial, nada é insignificante, na personalidade, nos hábitos e no ambiente de Helena Petrovna Blavatsky.

Gostaria apenas de transmitir ao leitor, se possível, um conhecimento tão pleno quanto o meu das dificuldades e perturbações que a perseguiram durante o desenvolvimento da sua obra: a pouca saúde, a vida errante, as condições desfavoráveis, a falta de material, a defecção de falsos amigos e os ataques de inimigos. Estes foram os obstáculos que dificultaram seu trabalho. Mas a cooperação de voluntários, o amor e o carinho de seus seguidores e, acima de tudo, o apoio e a orientação de seus respeitáveis Mestres tornaram possível sua conclusão.

Foi em 1884 que, na oportunidade de uma visita a Londres, travei conhecimento com Helena Petrovna Blavatsky, na casa dos Sinnett. Lembro-me ainda da agradável sensação que experimentei naquela memorável visita. Já havia lido antes “Ísis Sem Véu”, com surpresa e admiração pela abundância do estranho conhecimento contido naquela obra notável. Estava, por conseguinte, preparada para apreciar respeitosamente, e mesmo com certa reverência, uma pessoa que não só havia fundado uma Sociedade que prometia vir a ser o núcleo de uma Fraternidade

Universal da Humanidade, mas que era também considerada como mensageira de homens cujo progresso mental e espiritual estava muito além da Humanidade e, desse modo, podiam ser chamados, no sentido mais estrito, de pioneiros da nossa raça.

Fui recebida cordialmente pela dona da casa, que me apresentou de imediato à senhora Blavatsky. As suas feições revelavam uma força instintiva, expressa numa nobreza inata de caráter além das minhas expectativas. Todavia, o que mais chamou a minha atenção foi o olhar fixo dos seus maravilhosos olhos cinza, calmo e inescrutável e, não obstante, penetrante. Irradiavam uma luz serena que parecia penetrar e revelar os segredos do coração.

Quando, entretanto, passei a observar as pessoas que a cercavam, experimentei tamanha sensação de repulsa, que durante algum tempo permaneceu na minha mente como uma incômoda impressão. Era uma cena estranha para os meus olhos.

No chão, ao pé do divã baixo no qual se sentava a sra. Blavatsky, estavam reunidos vários visitantes que olhavam para ela com uma expressão de homenagem e adoração; outros dependiam dos seus lábios com uma estudada demonstração de intensa atenção, e todos me pareciam mais ou menos afetados pelo tom predominante da lisonja.

Sentei-me à parte e observava o que se passava, tomada de suspeitas que posteriormente verifiquei serem perfeitamente infundadas e gratuitas. Eu tremia, com medo de que uma personagem de quem havia formado uma imagem tão elevada viesse a revelar-se uma escrava da lisonja, ávida pela adoração dos seus seguidores.

Não podia conhecer, naquele momento, o alheamento, a indiferença ao louvor ou à censura, o elevado senso do dever daquela mulher ali diante de mim, que não se abalaria com considerações egoísticas. Não sabia então que a sua natureza era inerentemente incapaz de sacrificar os seus poderes e a sua grande missão às exigências de uma popularidade fácil.

Embora orgulhosa demais para se justificar diante daquelas pessoas incapazes de apreciar o elevado padrão de conduta que se impunha e que mostrava ao mundo nos seus escritos éticos e místicos, uma vez ou outra se abria na intimidade com alguns dos seus discípulos mais fervorosos, que se propunham com determinação trilhar o Caminho. Lembro-me da explicação que deu sobre esse ponto, quando uma multidão de zombadores, na imprensa e nos salões, se perguntavam uns aos outros:

“Como é que se explica que esta discípula dos semi-oniscientes Mahatmas, esta natural clarividente e especializada leitora da mente humana, não seja capaz de saber distinguir os seus amigos dos seus inimigos?”

“Quem sou eu”, dizia ela, respondendo a uma pergunta com outra, “quem sou eu para negar uma oportunidade a uma pessoa na qual descubro uma centelha ainda vacilante de reconhecimento da Causa a que sirvo, e que poderia ser inflamada numa chama de devoção? Que importam as consequências que se abatem sobre mim pessoalmente, quando essa pessoa fracassa, sucumbindo às forças do mal que estão dentro dela – engano, ingratidão, vingança e outras coisas mais – forças que eu via tão claramente quanto via a centelha de esperança; ainda que na sua queda ela me cubra com deturpação, calúnia e desprezo? Que direito tenho eu de recusar, a quem quer que

